

instituto de arte contemporânea



PETITE GALERIE
GALERIA DA PRAÇA

EXPÕEM

VENUS

DE

MILTON DACOSTA

16 A 26 DE NOVEMBRO 1971

TÊRÇA-FEIRA 21 HS.

BARÃO DA TÔRRE 220 IPANEMA

DACOSTA: AS ANTINOMIAS

Jayme Maurício

Para alguns artistas, o desenvolvimento criador é linear. As contradições internas, as lutas para a invenção, as conquistas mais árduas, são tôdas subjugadas a uma serenidade aparente, a um crescimento que se afigura tão espontâneo e livre de problemas quanto o próprio crescimento de uma planta em seu ambiente natural. Para outros, ao contrário, a criação e o crescimento-desenvolvimento interior, extravazam tôdas as suas penúrias e todos os seus conflitos, na própria produção. O caráter clássico torna-se em geral predominante no primeiro caso; o romântico no segundo. Ainda outros artistas, porém, não se situam tipicamente nem num caso nem no outro. Pertencem aos dois ao mesmo tempo; parecem resolvê-los numa síntese que desafia perenemente as classificações estanques e convencionais.

Milton Dacosta situa-se neste último caso. Um aspecto de sua obra é de uma serena grandeza. Isoladamente, a maior parte de suas pinturas e desenhos são exemplos límpidos de classicismo. Em conjunto, o panorama, é bem diverso. Não é impunemente que se transita entre a reta e a curva, entre o angular e o curvilíneo. No todo, a obra de Milton Dacosta traduz um desenvolvimento pessoal de forma mais definida do que o permitido pelos cânones do classicismo.

Também os geometras debruçam-se tanto sobre a reta quanto sobre a curva. Em ambos os casos, porém, com a mesma objetividade, sem consentir no pessoal. Em Dacosta, a curva trai o ser humano e suas paixões — trai, quer dizer, revela, apresenta uma visão quase consentidamente mais íntima, plena de compromissos com o concreto e o eterno da vida.

Na dissociação atual entre informação e valor, especialmente entre os mais jovens, que ainda não alcançaram e até combatem as inevitáveis ambigüidades perceptivas, resultantes de uma educação e de uma vivência com os fenômenos que ligam a novidade semântica à qualidade artística, tratar de Milton Dacosta, mesmo num prefácio precário, pede um recuo ainda que ligeiro. Na extrema pobreza da nossa informação museológica e bibliográfica, espíritos mais ávidos de conhecimento talvez desvendem o mistério de uma trajetória tão fecunda quando laboriosa e conseqüente.

Há precisamente 12 anos que Milton Dacosta não mostra a sua produção através de uma exposição individual digna desse nome e digna dele mesmo. A última, foi em 1959, no MAM do Rio, onde hoje funciona o restaurante, e dela participamos com o entusiasmo e a alegria um tanto instintivas em tudo o que se relaciona com o trabalho deste artista. Depois disso, Dacosta compareceu em pequenas mostras de quase estudos, desenhos, álbuns de gravuras. Ao comentarmos as *Venus Calipígeas*, nome arbitrário, de nossa autoria, quando o pintor completava 50 anos, em 1966, reclamamos por uma nova exposição individual. Exilado em São Paulo, Dacosta recusava-se sempre. Afinal, nesta mostra, chegou o momento do seu reencontro com o Rio de Janeiro que ele tanto ama e necessita.

De início um figurativo, num tempo em que a pintura era completamente dominada por Portinari, Dacosta, muito jovem ainda, batalhou com a natural truculência por um caminho próprio. Faz parte de um pequeno grupo de bravos artistas que ignorou o domínio de uns poucos mestres da pintura brasileira da época, partindo para outras afirmações e descobertas. Dacosta é um dos grandes construtores de um cenário brasileiro de pintura que se expandiu para além do que havia sido fortemente definido quase que como um sinal vermelho. Foi um formador genuíno de uma "nova geração" — e, nesta qualidade, deve ser considerado sempre como um jovem (e nem só nisto, acrescentaríamos).

Artista cultivado, desde cedo estudou as experiências e realidades estéticas européias e até americanas, antes de afirmar a si mesmo. Trilhou o caminho da geometrização da figura, ou melhor, da retificação e da angulação da figura, criando então uma pintura de excepcional originalidade e, sobretudo, novidade geométrica. Sua descoberta era condizente com sua tendência ao cálculo preciso e à muita disciplina, que desde o princípio evenciou. As naturezas mortas foram talvez as primeiras a passar pela alteração radical. Depois, as paisagens urbanas, nas quais o ângulo reto e o grande espaço afirmavam-se como elementos formais, aquecidos por um vocabulário tonal quente e sóbrio. Dacosta obtém resultados extraordinários com o mínimo de recursos que aceita.

O estatismo aparente de seus planos são carregados de movimento e dinamismo; sua cor alcança uma energia e uma vibração que ultrapassam todas as conquistas anteriores. Rigorosamente individual, realiza como que uma síntese de propostas formuladas pelos cubistas, pelos neo-plasticistas e um certo Paul Klee. Chegam às cabeças geometrizadas, ou melhor, retificadas, tornando-se por um tempo o próprio signo do artista. Exatas e retilíneas, construídas em claras concepções globalizantes, no seu perfeito equilíbrio interior, afiguravam-se, entretanto, quase enigmas.

Dacosta prosseguiu até onde achou que podia o caminho do rigor geométrico que decidira explorar. A figuração, humana ou urbana ou arquitetônica, desaparece; e a própria construção geométrica, termina por transformar-se na simples horizontal atravessando uma área branca uniforme de lado a lado. O caminho havia terminado. Mas, não a trajetória. O grande amante da figura, após seu rumoroso e sério *affair* com a abstração geométrica, na própria mostra de seus 20 anos de pintura, retrata o filho, que acabara de nascer. E recolhe-se a um silêncio artístico responsável, carregado de outras alegrias humanas. Abandonando a reta, o círculo, o arco de círculo e o quase arco de círculo são os elementos de que Dacosta passa a servir-se como instrumental expressivo para o seu novo sensualismo. Mas o elemento de definição geométrica precisa já não domina sozinho suas novas telas e estudos. Curvas mais livres partilham com ele a definição formal de nova pintura. A própria cor passa a ter um significado diverso da fase anterior. Passa a funcionar mais como elemento da homenagem prestada pelo artista ao "eterno feminino" que ocupa a sua atenção. Dacosta aborda também o "grande nu" no desenho e na gravura, com uma linha-traço cortante e vigorosa que cria uma atmosfera algo paradoxal à acentuada sensualidade de suas produções. Cada vez mais carnis e ponderáveis, suas madonas e suas venus às vezes alçam vãos, atraídas, talvez, pelo pássaro que as visita — seus braços fazem-se asas. Figurativo, expressivo e simbólico, torna-se por vezes semi-figurativo, helênico, em um volumétrico quase escultórico, metamorfoseando sempre erotismo num sensualismo sintético, essencial — suas mulheres revivem uma curiosa mitologia, um

paradoxal sentimento erótico-religioso, onde o melodioso lirismo une-se a uma nobreza e comedimento bem raros numa figuração claramente comprometida com a volúpia e os prazeres vitais.

O Dacosta mais recente é um Dacosta de reencontro. Reencontro consigo mesmo e com os grandes mestres que lhe marcaram a formação, e dos quais êle podia aproximar-se de nôvo, seguro em sua grande originalidade laboriosamente firmada. Esses mestres já não são pròpriamente os modernos que lhe ensinaram a pintar e presidiram sua formação. São outros de quem Dacosta deve-se julgar próximo, sobretudo por parentesco espiritual, ousamos afirmar. Um Rubens, por exemplo — um Rubens que colocasse suas grandes e volumosas mulheres num céu de Tiépolo; ou um Lucas Cranach, não o das crucificações, mas o das muitas Venus.

No cerne mesmo da sensualidade, o senso de equilíbrio e de disciplina jamais abandona Milton Dacosta. Neste sentido, êle se afirma quase um neo-renascentista, um lúcido. Numa das muitas vêzes em que conversamos, afirmou que sua pintura é para êle um instrumento de "conquista da paz interior". Nesta exposição, temos a oportunidade de constatar a proporção cada vez maior desta conquista.

Contemporânea